

# RELIGIOSIDADE E PERCURSO MIGRATÓRIO

MEZZOMO, Leocádia\*

## 1. A pessoa, um ser religioso

Emerge hoje, na sociedade globalizada um novo interesse pela religião, seja no meio universitário, que em círculos de intelectuais, ou mesmo entre o povo simples da periferia. A visibilidade das polissêmicas manifestações religiosas é um fenômeno inegável a nível nacional e internacional. É curioso notar como muitos querem entender mais desta “babel” religiosa que emerge aqui e além oceano.<sup>1</sup>

Podem os pesquisadores religiosos ou ateus perambular pelo mundo todo em busca de povos ‘primitivos’ ou de nações evoluídas sem credos e mitos, mas irão constatar que, há povos sem arsenais, talvez sem exércitos, mas nunca poderão encontrar povos sem templos, sem altares, sem divindades, sem símbolos religiosos.<sup>2</sup>

Esta realidade é tão radicada no DNA do ser humano que faz-nos afirmar que realmente a pessoa é um ser religioso. Ao longo da história das civilizações, na história das religiões, até em nossos dias, a raça humana tem expressado de múltiplas formas a busca do encontro com a divindade - com amor ou temor - edificando templos, ofertando sacrifícios, participando de peregrinações, para resgatar o sentido do próprio viver. Ainda que por vezes possam ser ambíguas estas manifestações, elas são uma constante para cultuar Àquele a quem, desde a origem se sentem ligadas. Realidade observável em todas as culturas. A religiosidade é uma expressão bem universal e constante na história da humanidade. Variam os nomes das divindades invocadas, os ritos, mas as conseqüências são idênticas ou, ao menos, similares.

Atualmente percebe-se que, apesar da secularização, das idéias infiltradas pela mentalidade neoliberal desfavoráveis ao sagrado, ou pela culpabilização da religião como fator de alienação social, motivo de culpabilização neurótica, repressão sexual, desmotivação política e assim por diante, mesmo assim a religião não foi expurgada da cultura e tem direito de cidadania nas grandes metrópoles, nos subúrbios e em toda a parte. A religiosidade é um dado real da experiência individual e coletiva.

A religião, diz Magalhães e Portella, deve ser buscada

---

\* Artigo apresentado e colocado nos Anais do III Simpósio sobre “Religiosidades, diálogos culturais e hibridações” de 22-23/04/09 em Campo Grande/MS. Disponível no site [http://www.csem.org.br/artigos\\_port\\_artigos09.html](http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos09.html).

\* Mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e membro da diretoria do CSEM - Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios.

<sup>1</sup> Para maiores informações, consultar: MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. Expressões do Sagrado. Reflexões sobre o fenômeno Religioso. Aparecida, Ed. Santuário, 2008, p. 23-47.

<sup>2</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista. A religião no início do milênio. Belo Horizonte, Edições Loyola, 2002, p. 77-83.

nos diferentes espaços públicos e privados. Nos templos, nas ruas, nos botecos, nas famílias, nas escolas, nos estádios, nos shows, em todos estes lugares encontramos os rastros da religião. Não há dimensão da vida no Brasil que não esteja de alguma forma sendo tangenciada pela religião.<sup>3</sup>

Nesta busca de soluções para as questões existenciais, o ser humano encontra ou pode encontrar vias para solucionar seus quesitos, respostas teórico-práticas em si e em seu entorno cultural-religioso. Pois a religião nasce com o ser humano. A religiosidade vai sendo assumida pela pessoa com o passar dos dias. “Todas as dimensões da vida humana, tal como nós a conhecemos hoje, seriam impensáveis sem o alcance e o poder formador da religião.”<sup>4</sup>

As realidades com as quais a pessoa se depara no mundo externo e mais ainda o que vive na intimidade de seu mistério, não plenamente inteligíveis a si mesmo, podem ter como desfecho edênico: participo do *Ser* em si; *Ser* sem principio e sem fim; *Ser* que “todos chamam Deus.”<sup>5</sup>

O conhecimento natural que o homem pode ter de Deus é sempre limitado e assim também a linguagem sobre a realidade divina não é de todo evidente. O homem, as criaturas todas, falam com eloqüência de Deus, mesmo que nem sempre a pessoa esteja apta a entender esta linguagem, mesmo que o homem seja, “pouco menos de um deus.”<sup>6</sup>

É na miríade de faces da obra da criação que bilhões de homens, ainda hoje, lêem a presença de um Ser indizível e poderoso que tudo criou, tudo sustenta e tudo renova. À Ele se volve a polifônica orquestra de louvor, de culto. A Ele se ofertam os mais diversos holocaustos, à Ele se intercede com um misto de tremor e reverência.

O adulto sincero e atento à leitura de sua interioridade percebe a bramosidade infinita de felicidade que traz em si, porque marcado na sua essência pelo ‘sopro divino’. Mas ao mesmo tempo, sente enormemente o peso de sua finitude. Grávido de vulnerabilidades, experimenta, cotidianamente, o desejo de “ser como Deus”<sup>7</sup>, buscando, como que às apalpadelas, a realização da ânsia de felicidade plena – que a antropologia cristã identifica como ‘desejo de Deus’, como vocação divina e, - paradoxalmente - porque ferido pela vulnerabilidade nos mais diversos aspectos de sua personalidade, não raro, se deixa levar instintivamente por esta sede de infinito, bebendo nas ‘poças de mar morto’ que pululam, aqui e acolá, onde a humanidade continua a ‘travessia do deserto’. Mas o objeto do desejo de felicidade perfeita, que induz os mais incautos a errar de fonte, fazendo um equivocado uso na liberdade de escolha do objeto, não é outro que Deus mesmo!

---

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Antonio. *Ibidem*.p.15

<sup>4</sup> MAGALHÃES, Antonio. *op.cit*, p.26.

<sup>5</sup> S. Tomas de Aquino, s.th.1,1,1.

<sup>6</sup> Salmo 8,6. Outras indicações bíblicas referentes ao tema: Gn 1,26; Sb 13,1-9; At 14,15.17; Rm 1,19-20.

<sup>7</sup> Cf. Gênesis 3,5.

Não importa a qual das confissões o homem pertença, não importa até se ele se diz ateu, pois no âmago mais recôndito de cada um medra e geme, explícita ou implicitamente, o desejo de encontrar a divindade, de contemplar Deus, como diz Felipe: “Mostra-nos Deus Pai e isto nos basta!”<sup>8</sup>

## 2. Religiosidade e sentido da vida

Em uma sociedade dilacerada por tanta violência, as religiões podem e devem oferecer espaços de paz, construir junto aos seus fiéis uma cultura de fraterno convívio, pois assim são entendidas as religiões - um instrumento que fala de paz aos corações. O pluralismo religioso é mais uma confirmação prática da original exigência humana de relacionar-se com o divino.

A milenar experiência da Igreja católica,<sup>9</sup> confirmou-lhe a convicção sobre a capacidade que a razão humana tem de conhecer a Deus e com ele relacionar-se. Por isto exprime sua confiança nesta possibilidade do *humanum* falando explicitamente de Deus à todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está à base de seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e com as demais ciências, ousando também dirigir sua voz aos não crentes e aos que se dizem ateus.<sup>10</sup> Para Jung<sup>11</sup>, o ser humano não é capaz de ser a-religioso totalmente - mesmo que assim ele se imagine – pois, nas profundezas de sua alma, de sua psique, ele é um ser religioso, um ser impelido para o sagrado.

Ao contrário do que foi anunciado, a religião não perdeu sua força, a fé cristã não foi banida, a experiência religiosa negou a idéia de que a religião é expressão somente da alienação. A idéia de que a modernidade se implantaria à medida que a religião se retirasse da cena não vingou. A modernidade avançou, mas a religião também. A modernidade agoniza, a religião recupera lugares perdidos.<sup>12</sup>

O conhecimento, o amor relacional como resposta ao Absoluto com o qual cada pessoa se sente profundamente ligada, se exprime na religiosidade pessoal. Religião, bagagem recebida e fortalecida pelo núcleo familiar, pela sociedade, pelas instituições religiosas, mas que cada um, responsavelmente, vai tecendo, em meio as vicissitudes do próprio existir, tarefa que vai tornando mais preche de sentido, de significado humano e religioso, os pequenos e grandes labores que correspondem a cada pessoa. Diz Vernant que:

Quanto mais se estudam as religiões, melhor se compreende que elas, que o mesmo modo que as ferramentas e a linguagem, estão inscritas no aparelho do pensamento simbólico. Por

---

<sup>8</sup> Cf. João 14,8.

<sup>9</sup> Falo como membro da confissão católica Apostólica Romana.

<sup>10</sup> Cf. CIC, *ibidem*, p. 27.

<sup>11</sup> Cf. JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. S. Paulo. Petrópolis. Vozes. 1988.

<sup>12</sup> MAGALHÃES, Antonio. *op.cit.* p. 23-24.

mais diversas que elas sejam, respondem sempre a esta vocação dupla e solidária: para além das coisas, atingir um sentido que lhe dê uma plenitude das quais elas mesmas parecem privadas; e arrancar cada ser humano de seu isolamento, enraizando-o numa comunidade que o conforte e ultrapasse.<sup>13</sup>

É verdade. Os desafios, as problemáticas enfrentadas pela pessoa e, em especial, por quem migra, podem assumir um caráter caótico e desorientativo, fazendo, por vezes, perder de vista a meta sonhada. Quando um ser humano se encontra sozinho à enfrentar a tensão ou o perigo, induz a muitos buscarem solução “agarrando-se a Deus”<sup>14</sup>, ligando-se a uma comunidade. É comum que homens e mulheres que migram devam enfrentar a sós o peso da jornada, debater-se para não perder o sentido do viver, reconstruindo dia após dia a própria identidade e projetualidade ao amparo de algum grupo religioso, pois, não raro, esta é a única dimensão existencial a quem podem recorrer. Mesmo que, como veremos mais adiante, nos resultados da pesquisa, a religião tem um sentido funcional, mais do que uma vivência de fé profunda que abarca a vida toda e faz com que a pessoa se perceba sempre mais como um ser em projeto.

Os parentes e amigos não têm poder de intervir ou porque são parte geracional do processo ou porque são vítimas do mesmo drama ou porque estão distantes. As igrejas, as diversas confissões, geralmente têm como alvo intervir no arco todo da vida familiar, social e por isto, podem ser inventivas, sob o impulso do Espírito, para vir em ajuda aos que estão enfrentando os desafios da mobilidade. “A Igreja tem a chance de inventar-se espaços, modos e lugares para que, além do *cronos*, também o *kairós* seja critério de comunhão e fraterna solidariedade,”<sup>15</sup> favorecendo enormemente na estruturação da pessoa, no equilíbrio e no sentido do viver dos que pagam o preço de sair de si. E que, superando o fechamento sobre a própria problemática, buscam refúgio na religiosidade.

O sociólogo P. Berger<sup>16</sup>, estudioso do fenômeno religioso, entre outras coisas afirma que o ser humano, à diferença dos demais animais, necessita ter um ‘sentido para viver’, uma ‘orientação’ uma norma de vida – *nomos*. A religião com suas normas, princípios, ritos é de grande ajuda para a pessoa não cair no ‘vazio existencial’. Sublinha Marinucci<sup>17</sup>:

---

<sup>13</sup> VERNANT *apud* BERGER, Peter. O dossel Sagrado. Elementos para uma sociologia da religião. São Paulo. Paulus, 1985, p. 5.

<sup>14</sup> Maiores informação no artigo de RIBEIRO, Silvia. Religião vivida no processo migratório. Disponível no site [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br).

<sup>15</sup> LUSSI, Carmem. Progetti migratori e Pastoral: la sfida missionária. Em REMHU, n. 26-27 (2006), p. 217.

<sup>16</sup> BERGER, Peter. Rumor de ángeles: la sociedad moderna y el descubrimiento de lo sobrenatural. Barcelona. Ed Herder, 1975

<sup>17</sup> MARINUCCI, Roberto. Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro. Em REMHU, n.28 (2007), p.102.

A única ordem, o único *nomos* está na consciência de que toda a ordem histórica é efêmera, provisória e, portanto não pode ser absolutizada; a única certeza é que não temos pátria nesta terra, que somos estrangeiros. A única pátria é a alteridade divina.

A psicologia reconhece que muitas pessoas que se encontram em momentos de crise, de doenças e outras dificuldades, vêm brotar dentro de si reminiscências religiosas do passado. O mesmo soe acontecer com muitos migrantes. Em geral, como veremos mais adiante, os que migram não abandonam a religião, o que pode acontecer é que ‘migram’ de uma a outra igreja. Quando se encontram em situações de iminente desestruturação, por dificuldades de vários tipos, recorrem à oração, intensificam a própria religiosidade, a vivencia da fé, que é para a maioria deles uma salutar medicina preventiva, como atestam também algumas das pessoas entrevistadas pela equipe do CSEM. A relação de dependência que vincula o ser humano ao Ser supremo estimula a vontade, aguça a emotividade e o predispõe a pessoa a retalhar tempos, e recursos, a nível individual e/ou coletivos que favoreçam à emotividade ‘pepitas preciosas’ para o gosto espiritual, para a solidificar a identidade e garantir a saúde mental.

### **3. Retalhos de mobilidade humana**

Atualmente as nações se deparam com a complexa problemática das migrações, talvez mais grave que em outros tempos e que é sentida como um desafio pela comunidade internacional e por cada um dos países de imigração. Este mal estar se revela predominantemente através da crescente criação de leis de imigração sempre mais restritivas, com duríssimos controles de fronteiras. A par disto as políticas de integração, os direitos fundamentais são sempre mais restritos.

Apesar da grande crise econômica que está afetando o mundo globalizado, as massas humanas se deixam levar, também hoje, atraídas por uma espécie de ímã misterioso. Os pólos de atração mais evidentes, isto é, a constelação de países de imigração é: Estados Unidos, Japão, países da União européia, da Austrália, entre outros. Os países dos Estados do Golfo são um grande pólo de atração de migrantes, por causa do petróleo. Outro importante fluxo migratório se dá em direção aos países do Oriente. Estas nações exercem um poder de atração muito grande: milhões de seres humanos do sul do mundo, caminham em direção ao norte do globo terrestre.

Porém, considerarmos somente as grandes levas de migrações que se deslocam do sul para o norte do mundo mais desenvolvido seria um erro, como diz Muzzana:<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> MUZZANA, Marco. Gente che parte, gente che cambia. Em REMHU n. 26-27 (2006), p. 136.

Uma análise detalhada da mobilidade nos permite ver que a maior parte dos fluxos migratórios não é orientada, como se pensa normalmente, em direção do norte do mundo, pois 51% dos fluxos permanecem dentro dos países do sul do mundo. Trata-se de um fenômeno facilmente compreensível: a quantidade dos migrantes que mudam de lugar dentro do mesmo país é maior do que aquela dos que enfrentam uma viagem intercontinental.

Esta constatação que pode parecer óbvia e simplista, mas não o é, pois desmente a concepção de muitos que ‘navegam na opulência’ do norte do mundo e, que erroneamente se consideram vítimas da invasão do continente africano, dos latino-americanos e dos asiáticos.

Cruzar fronteiras, é um fato muito complexo, exige um gasto enorme de energias vitais e econômicas, e chegando a estes países ricos que controlam xenofobicamente as fronteiras, muitos nem são admitidos e outros milhares são mais tarde deportados, aprisionados ou vivem em condições subumanas. Este é um fator que, de certa forma, freia maiores migrações intercontinentais.

Após estas rápidas pinceladas sobre realidade mundial das migrações, vamos dar algumas informações sobre a mobilidade humana latino-americana e caribenha, com um especial enfoque na realidade migratória do Brasil. As migrações latino-americanas e caribenhas são uma realidade paralela ao que acontece a nível mundial.

Há um grande movimento migratório intra-regional entre os países da América Latina e do Caribe. Os intercâmbios entre os países limítrofes, ou mais próximos são de longa data. Há um ir e vir com seus altos e baixos. Uns mudam de lugar de residência, outros mudam somente nas épocas próprias de colheitas, há também os que se transferem em momentos de construção de grandes obras ou ainda por motivos de guerrilhas ou violências ao interno do país, como é o caso especial da Colômbia.<sup>19</sup>

A Colômbia foi o país que mais expulsou seus cidadãos, diz um relatório da ACNUR “Os colombianos sempre tiveram uma população flutuante nas zonas fronteiriças e isto foi exacerbado devido a intensificação da violência.”<sup>20</sup> A maior parte dos colombianos emigrados encontram-se na Venezuela (81%) e outra grande parte no Equador, no Panamá e no Brasil.

Mas, segundo o estudioso Martínez Pizarro,<sup>21</sup> os países latino-americanos que mais exercem poder de atração são a Argentina e a Venezuela, porém em diferentes escalas há uma mobilidade entre todos os demais. Mais recentemente há um fluxo migratório, especialmente de peruanos, em direção ao Chile.

Os países da América Central e do Caribe apresentam rotas migratórias para o Belize que tem um índice de 15% de estrangeiros, especialmente salvadorenhos e guatemaltecos; para

---

<sup>19</sup> Cf. MARTINEZ PIZARRO, Jorge. Tendências recientes de la migración internacional en América Latina y Caribe. Em Estudios migratorios latinoamericanos. N.:54 (2004), p. 218.

<sup>20</sup> Outras informações poder ser encontradas no site: [www.acnur.org](http://www.acnur.org).

<sup>21</sup> O artigo de MARTÍNEZ PIZARRO, Jorge, já citado dá amplas informações sobre o tema. p. 211-238.

a Costa Rica, migra grande número de nicaraguenhos; a migração para a República Dominicana é constituída, especialmente pelo povo haitiano e é uma das mais notas correntes intra-regionais no Caribe e na América Latina.<sup>22</sup>

Os países caribenhos apresentam grande circulação de pessoas, mas imigrantes mesmo somam um total de 4% da população. O México, sem falar de sua grande emigração para USA, é um país de trânsito para muitos latino-americanos, especialmente da América Central que chegam à fronteira sul, tendo como alvo alcançar os Estados Unidos.

O Brasil, segundo estimativa do IBGE, 2008, possui cerca de 193 milhões de habitantes, o que representa uma das maiores populações absolutas do mundo, destacando-se como a quinta nação mais populosa do planeta. Ao longo dos últimos anos, o crescimento demográfico do país tem diminuído o ritmo, que era muito alto até a década de 1960.<sup>23</sup>

Mas o Brasil também ‘importa’ latino-americanos e de outras nacionalidades. O Censo de 2000 diz que no Brasil havia cerca de 4 milhões de estrangeiros, grande parte latino-americanos. Ademais, o relatório da ACNUR de 2008 informa que no território Brasileiro há mais de 3.500 refugiados provindos de 70 diversos países.<sup>24</sup> Mesmo que estas cifras não signifiquem muito, se comparadas com os 193 milhões de brasileiros, é interessante notar estas presenças.

Mas no Brasil há uma grande migração interna. As população de zonas agrícolas e de pequenos municípios troca com relativa facilidade de endereço. Segundo informes do IBGE, 46% dos brasileiros vivem fora do município em que nasceram.

Nesta mobilidade, em busca de trabalho e de melhores condições de vida dentro do território nacional, vamos deter a atenção sobre Brasília, DF<sup>25</sup>. Pode-se afirmar que o processo de formação de Brasília, nos anos 60, é fruto de fluxos migratórios proveniente especialmente do Norte, Centro Oeste e Nordeste do Brasil. Em função da construção da nova capital, houve um crescimento urbano rápido, desorganizado nas imediações dos canteiros de obras da futura capital. Foram pensadas, para os trabalhadores, as cidades-satélite ou Regiões Administrativas, com infra-estrutura urbana inferior às do Plano Piloto. O Plano Piloto foi construído com estruturas pensadas para os funcionários do Estado e das demais elites nacionais e estrangeiras. Uma vez construída a Capital, pelos anos 80 houve uma diminuição do fluxo migratório. Mas, por volta do ano 2000, novos núcleos habitacionais foram sendo construídos, prova esta, de que Brasília continua sendo um dos focos de atração para os que sonham com uma vida melhor dentro do país.

Atualmente Brasília conta com uma população de aproximadamente 2.500.000 habitantes, e possui 29 Regiões Administrativas, sendo 95% população urbana e 5% rural. A

---

<sup>22</sup> MARTÍNEZ PIZARRO, Jorge. *idem*. p. 219.

<sup>23</sup> Maiores informações podem ser encontradas no site: [www.demografia](http://www.demografia).

<sup>24</sup> [WWW.acnur.org](http://WWW.acnur.org).

<sup>25</sup> Cf. FARIAS DA SILVA, Yara. Migrantes no Distrito Federal: Quem são? De onde vem? Porque vem? Disponível em site [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)

pesquisa realizada pelo PDAD em 2004, relevou que 72% dos habitantes de Brasília moravam no DF há 10 anos ou mais, 17% de 6 a 9 nove anos e apenas 11% chegaram no DF nos últimos 5 anos.<sup>26</sup> Nesta contextualização do Distrito Federal, das cidades satélites e Entorno, o CSEM investiu recursos humanos e financeiros para compreender mais o que se passa no sujeito que migra.

#### **4. Dados e análise da pesquisa do DF<sup>27</sup>**

A pesquisa foi realizada pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, em parceria com o CEAN/Unb, com o objetivo de prover um banco de dados com informações sobre Percurso Migratório que permitisse aos estudiosos do assunto conhecer os fatores que caracterizam as mudanças identitárias de migrantes urbanos no que diz respeito à família e ao projeto migratório, valores, religião e fé, redes e relações sociais, trabalho e remessas, levando em conta as causas, as modalidades, as etapas, as conseqüências e a autocompreensão que os próprios migrantes desenvolvem dessas mudanças.

##### **4.1. Elementos da metodologia**

Para coletar os dados utilizou-se um questionário com perguntas referentes aos temas citados acima. Para a seleção das pessoas que responderiam o questionário privilegiou-se as áreas do Distrito Federal e Entorno que, por estudos anteriores, haviam sido reconhecidas como áreas de grande fluxo migratório. Assim, decidiu-se por três cidades da periferia do Distrito Federal (Santa Maria, Samambaia, Planaltina) e três cidades do Entorno (Novo Gama, Águas Lindas e Planaltina de Goiás).

A unidade de pesquisa foi o migrante urbano, interestadual ou intermunicipal, que residisse na região delimitada pela pesquisa entre 1 (um) a 9 (nove) anos, com idade entre 16 (dezesseis) e 60 (sessenta) anos e que tivesse nascido em um Estado da Federação diferente do estado onde residia atualmente ou em município do mesmo estado não limítrofe com a região escolhida para a pesquisa. Sendo pesquisado apenas um membro por domicílio, aquele que tivesse encabeçado o projeto migratório ou assumido papel equivalente. A pesquisa não inclui migrante sazonal.

Para chegar ao migrante que responderia o questionário, montou-se um esquema aleatório de busca da pessoa que se enquadrasse dentro do perfil exigido pela pesquisa, já definido anteriormente. Dentro de cada cidade selecionou-se aleatoriamente 5 setores censitários. E, dentro de cada setor censitário selecionado, sorteou-se, também aleatoriamente, um conjunto residencial e por esse conjunto iniciou-se a busca do migrante que estivesse dentro

---

<sup>26</sup> Cf. FARIAS DA SILVA, Yara. Op.cit. p.2.

<sup>27</sup> Um reconhecimento especial à idealizadora da Pesquisa sobre ‘ Mudanças no percurso migratório’, Carmem LUSSI, e à doutora em sociologia Tania M. DE ARAUJO CAMPOS, pelo valioso aporte dado para concretização da mesma.

dos critérios definidos. Ao localizar-se uma residência com migrantes que atendessem aos critérios estabelecidos pela pesquisa, a pessoa que havia encabeçado o projeto migratório foi a que respondeu o questionário. Somente um questionário foi aplicado em cada residência. Foram aplicados, no total, 150 questionários, sendo 25 em cada cidade pesquisada.

#### **4.2. Migrações e mudança de religião<sup>28</sup>**

As migrações favorecem as mudanças de pertença religiosa? Ou, em outras palavras, a experiência da perda dos referenciais identitários, típica da migração, incentiva a reformulação do universo simbólico do migrante? De que forma?

Os dados da pesquisa aportam algumas importantes contribuições. Entre o universo das 150 pessoas entrevistadas, 30% responderam pertencer, na atualidade, a uma religião diferente daquela da terra de origem. Essa porcentagem sobe para 37% entre as mulheres. Das pessoas que mudaram de religião, 22% afirmaram ter mudado uma única vez, enquanto 8% mais de uma.

No que diz respeito aos “fluxos” da mobilidade religiosa, a igreja que mais “perdeu” fiéis – mas também que tinha o maior número de adeptos – é a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR): dos 107 católicos que entraram no DF, 25 mudaram de igreja ou se tornaram sem religião. Por outro lado, houve o ingresso de 5 migrantes evangélicos e o retorno de mais 5 (pessoas que saíram e regressaram ao catolicismo).

Já as tradições protestantes – tanto históricas quanto pentecostais – contaram com o ingresso de 22 migrantes e a saída de 9 (alguns deles passaram para outra Igreja protestante). Finalmente, é bom não esquecer que 5 migrantes saíram da Igreja Católica Apostólica Romana e, atualmente, se declaram “sem religião”.

Esses números confirmam tendências evidenciadas tanto pelo CENSO 2000 quanto por pesquisas mais recentes: a saída de católicos; o crescimento de evangélicos, basicamente pentecostais ou neopentecostais (dos que saíram da Igreja católica, 5 entraram na Assembléia de Deus e 3 na Igreja Universal do Reino de Deus); a mobilidade no interior do mundo evangélico; o expressivo aumento dos “sem religião”.

Em geral, consideramos ser bastante alta a porcentagem de pessoas que mudaram de religião 30%, principalmente levando em conta que também os “retornados” passaram por uma mudança de filiação. Enfim, pela amostra da pesquisa 1 em cada 3 migrantes do DF mudou de religião na terra de chegada.

Esses dados podem ser confirmados por outras pesquisas. Alberto Antoniazzi, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), num trabalho em que analisou os resultados do Censo de 2000, sustenta que o número de católicos diminuiu, sobretudo nas

---

<sup>28</sup> A leitura, organização e interpretação de dados referentes às perguntas do Questionários de n. 44-54 são o fruto do trabalho atencioso do estudioso do CSEM, MARINUCCI, Roberto a quem agradecemos de modo todo especial.

periferias das grandes cidades, áreas com a intensa presença de migrantes.<sup>29</sup> Mais recentemente, a Fundação Getúlio Vargas, a partir dos micro dados do Censo, tem confirmado que entre as pessoas que residem fora do Estado em que nasceram a porcentagem de católicos é inferior de 5/7% em relação aos que não migraram.<sup>30</sup>

Enfim, a partir de todas essas pesquisas, pode-se hipotizar que a migração, ao provocar o abandono dos referenciais identitários da terra de origem, acaba incentivando uma experiência de transformação e reformulação do universo simbólico da pessoa. O que não significa que todo migrante mude necessariamente de religião, mas que todos eles se encontram numa situação de maior predisposição à mudança.

Essa “predisposição” se insere no interior de uma conjuntura caracterizada por “novas formas de crer”: num contexto pluralista, que desafia a estrutura de plausibilidade de todas as igrejas, a religião deixa de ser herança e verdade inquestionável, para tornar-se uma escolha no interior de um amplo e diversificado mercado religioso. É essa a realidade típica do mundo urbano, onde se estranha não a mudança de religião, e sim a permanência constante numa única religião. Como reconhece Amado, “como, para a mentalidade marcada pelo pluralismo e pela mobilidade, é estranho que alguém permaneça casado por longos anos com o mesmo cônjuge, também é estranho que alguém permaneça vinculado – e de modo exclusivo, asséptico! – a uma única denominação religiosa”<sup>31</sup>. Hoje, a relação com a religião se concretiza mais em termos de “ficar” do que “pertencer”. Ou, como diz Amado, o povo brasileiro continua religioso, mas com flexíveis ligações às religiões institucionalizadas: “o que surge de modo intenso é uma categoria sensível a Deus, mas que não adere de modo definitivo a nenhuma religião”<sup>32</sup>. Nessa perspectiva, em nossa opinião, a migração simplesmente intensifica uma tendência já culturalmente estabelecida em âmbito urbano.

### 4.3. As razões da mudança de religião

De acordo com a pesquisa do CSEM, entre os 30% de entrevistados que afirmaram ter uma religião diferente daquela da terra de origem, um grande número – sobretudo pessoas que saíram da ICAR para ingressar em igrejas pentecostais – ressaltam as mudanças existenciais e comportamentais que ocorreram com o ingresso na nova Igreja:

A igreja me acolheu, me deu apoio, me ajudou, me ensinou a conhecer a palavra.  
Particularmente quando tive problema de depressão por ter sido traída.

---

<sup>29</sup> ANTONIAZZI, Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 16-29.

<sup>30</sup> Segundo a Fundação Getúlio Vargas, entre os que não migraram de Estado os católicos representam 75,6% do total, enquanto entre os que migraram a porcentagem vai de 70,4%, entre os que migraram há mais de 10 anos, até 68,7% entre os que migraram a menos de 1 ano. Algo análogo acontece com a migração de município. A pesquisa completa pode ser encontrada em [www.fgv/cps](http://www.fgv/cps).

<sup>31</sup> AMADO, Joel Portella. “Mudar de religião faz bem?” – Algumas reflexões pastorais a respeito da mobilidade religiosa no Brasil. In: CERIS (org.). *Mudança re religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*. Rio de Janeiro: Salesiana, (s.a.), p. 134.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 135.

Porque eu tava em enfermidade e Deus me curou: nossa fé que nos cura.

Por que eu comecei a ir e me sentir bem.

Lá eu era católica mas não via mudança na minha vida e na evangélica muita coisa mudou.

O crente está mais reservado das coisas perigosas, ruins, da violência.

Esses cinco testemunhos revelam como as mudanças na vida e a resposta a desafios existências da pessoa são elementos fundamentais da escolha da nova religião e na ressignificação do universo simbólico. O religioso tem plausibilidade na medida em que produz implicações e conseqüências para a vida da pessoa. É o assim chamado processo de “individualização” da filiação religiosa. É um sagrado a serviço do ser humano, um sagrado funcional ou instrumental.

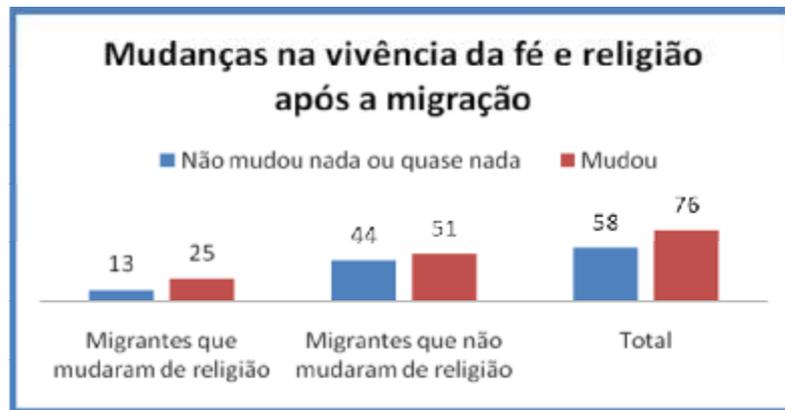
Já entre as pessoas que saíram do mundo evangélico para ingressar no catolicismo – 5 pessoas – duas afirmaram ter mudado de religião para fugir da rigidez evangélica: “Deixei a religião por ser muito rígida e entrei na católica até hoje”; “Menos exigência da igreja, livre arbítrio é melhor”.

Estas afirmações não contradizem as anteriores. Aqui também o sagrado é funcional, ainda que no sentido contrário. A religião é importante, mas não pode mexer demais no livre arbítrio e no comportamento da pessoa. As exigências existenciais do indivíduo – na vertente de maior ou menor rigidez – continuam sendo critérios de escolha.

Prospecta-se, nesta esteira, uma dialética entre liberdade e segurança. As igrejas evangélicas, geralmente mais rígidas, limitam mais o livre arbítrio, mas, por isso, oferecem mais conforto e segurança. Por outro lado, a católica é mais “*light*”, garante mais liberdade, mas isso em detrimento de acolhida, proteção e proximidade. Seja como for, a maioria das respostas confirmam um sagrado funcional, que responde aos desafios e às exigências do indivíduo. Bastante raras são afirmações do tipo: mudei por “maior conhecimento de Deus” ou “estar voltada para o que me leva ao verdadeiro”. A religião é antes “proteção” do que “projeto”.

#### **4.4. O que mudou na identidade religiosa, após a migração?**

Consoante a pesquisa, 57% dos entrevistados afirmaram que ocorreram mudanças na vivência da fé e da religião após a migração. Este número está concentrado sobretudo entre os migrantes que passaram também por mudanças na pertença religiosa (66%), enquanto é menor entre os que permaneceram na mesma Igreja (54%).



No que diz respeito ao tipo de mudança, 7 migrantes entrevistados ressaltaram transformações em sentido negativo: basicamente a queixa de todos eles é a diminuição ou fim da frequência nas celebrações ou cultos religiosos: “deixei de ir a igreja”; “participo menos”. As causas apontadas se referem sobretudo à falta de tempo (“falta de tempo para ir a igreja”), às diferenças em relação à prática religiosa na terra de origem (“aqui é tudo diferente”), à falta de acolhida ou dificuldades de relacionamento (“aqui (...) as pessoas são mais frias”; “pouca acolhida das pessoas da igreja. Me senti desrespeitada pelo pastor”).

Por outro lado, 59 migrantes afirmaram que a vivência da fé e da religião passou por transformações em sentido positivo. Entre eles, 32 enfatizam o aumento da fé e da confiança em Deus: “tenho mais fé, confiança”; “[a migração] cria cada vez mais fé, acredito mais em Deus”; “me apeguei muito a Deus”. Este aumento da fé e da confiança, às vezes, está diretamente relacionado com as dificuldades enfrentadas. Assim, por exemplo:

“Mudou porque devido às dificuldades busquei mais Deus. Me ajudou por estar longe da família”.

“Por eu passar por dificuldades, eu me apeguei mais”.

“Quando agente esta longe da família, mãe e pai a gente se apega mais em Deus”.

“Busquei mais a Deus e a oração pessoal diante das dificuldades”.

“Foi as dificuldades financeiras que fortificaram a fé em Deus para superá-las”.

Menos comum é o aumento da prática religiosa, ou seja, da frequência às celebrações e aos cultos. Mesmo assim, há migrantes que ressaltam, por exemplo: “agora que eu sou evangélica eu sinto necessidade de ir [ao culto]; “agora vou mais à Igreja”. Nenhum dos entrevistados afirma - nesta pergunta aberta - que aumentou a participação em pastorais, movimentos ou outros grupos eclesiais.

Finalmente alguns migrantes destacam as mudanças na vida decorrentes do fortalecimento da fé e da confiança em Deus: “Antes saía para baladas, agora não”; “Mudou a convivência da família para melhor”; “Acho que a coragem aumentou”; “A igreja ajudou a ser mais calma, ter mais jeito de lidar”.

Enfim, de acordo com esses dados, pode-se afirmar que a maioria dos migrantes passa por significativas mudanças em seu universo simbólico e religioso. Essas mudanças podem envolver a mudança de pertença religiosa ou o aumento do apego a Deus, sobretudo em resposta aos desafios e às dificuldades inerentes ao processo migratório.

Charles Hirschman, num conhecido trabalho, afirma que a religião desenvolve uma tríplice função para a comunidade imigrada nos EUA: “*refuge, respectability, and resources*”<sup>33</sup>. Os resultados da pesquisa do CSEM, junto a migrantes no DF e entorno, ressaltam principalmente o primeiro aspecto, a saber, a busca do religioso como refúgio, proteção diante das dificuldades da jornada migratória. Trata-se de um “sagrado funcional”, que visa transformar a pessoa e ajudá-la em sua caminhada histórica.

Essas afirmações podem ser confirmadas por outros dados do questionário aplicado. Por exemplo, os migrantes que, em momentos de sofrimento/dificuldade, recorriam à religião ou a alguma liderança religiosa, passaram de 17, na terra de origem, para 30 na terra de chegada, ou seja, depois da migração.

Em outra questão fechada, em que se pedia como os migrantes superaram os aspectos negativos decorrentes da migração, a resposta que recebeu a nota mais alta foi “com oração” (nota média 8,38), sendo que a segunda nota mais alta foi “a família de origem ajudou”, com 5,72.

Finalmente, perguntados sobre os aspectos positivos da migração, os entrevistados colocaram em primeiro lugar o “amadurecimento pessoal” (nota média 8,83), sendo que a resposta “experiência religiosa renovada” ficou em quarto lugar - de 12 opções - com uma nota bastante alta 7,20.

Permanecem algumas dúvidas em termos de “prática religiosa”. Como vimos, alguns migrantes se queixam que na terra de chegada a participação na igreja diminuiu ou até acabou. Há um pequeno grupo de migrantes (6) que, após a migração, se tornaram “sem-religião”. Perguntados sobre o que mudou na vivência da fé e da religião, alguns ressaltaram a frequência mais assídua nas celebrações, mas ninguém falou de um maior comprometimento em pastorais, movimentos e outros grupos eclesiais.

Por outro lado, questionados acerca da importância que o migrante atribuía à “participação religiosa”, na terra de chegada e na terra de origem, a nota média foi de 6,16 na terra de origem e 6,95 na terra de chegada, o que apontaria para um maior interesse em atividades eclesiais.

Pelo visto acima, concluímos que um dos desafios das igrejas é oferecer uma religião com bases teológicas profundas para que não seja mais uma forma ideológica que “domestica” as pessoas. O ideal seria que o recurso à religião não fosse como simples “refúgio”, como busca de segurança passageira, o sagrado fica deste modo reduzido só a algo funcional, como a

---

<sup>33</sup> HIRSCHMAN, Charles. The Role of religion in the Origins and adaptation of Immigrants Groups in the United States. *IMR* v. 38, n. 3 (Fall 2004) 1228 (O grifo é nosso).

aspirina para a dor de cabeça. Precisa ser uma teologia inspirada na Palavra de Deus que vai ao encontro dos que estão em mobilidade para oferecer-lhes uma ajuda na leitura da própria história e fornecer-lhe instrumentos para a luta contra as outras formas de manipulação que tendem a render-lhes escravos. Facilitar-lhes a vinculação orgânica ao sentido que a vida tem, à luz da fé, para superar as ambigüidades e firmar os passos na fraternidade universal, criando espaços de justiça e igualdade no aqui e agora em que vivem.<sup>34</sup>

Apresentar uma forma de mística, não aleatória, mas colher o seu lado luminoso, aquela dimensão que alimenta as energias vitais para além do princípio do interesse, dos fracassos e sucessos. Espiritualidade e mística pertencem à vida em sua integralidade e em sua sacralidade. Daí nascem o dinamismo da resistência e a permanente vontade de libertação projetando sempre de novo a pessoa para o futuro.<sup>35</sup> É este o grande desafio e a indizível felicidade das pessoas que se ocupam da arte de alimentar a alma humana, das sempre novas levas de peregrinos que “não encontram cidade permanente.”<sup>36</sup>

Enfim, somos do parecer que as igrejas cristãs, em particular, podem oferecer ao mundo da mobilidade humana, a nível nacional e internacional, não somente uma ajuda no que tange os direitos humanos, mas oferecer elementos para uma mudança de vida. Para isto, diz Marinucci<sup>37</sup>

se torna necessário uma mudança de paradigma da Pastoral da Mobilidade Humana: duma pastoral de conservação da fé, para uma pastoral da conversão; de uma pastoral do medo, que vê como ameaça as migrações e o mundo, para uma pastoral da coragem, que reconhece nas migrações e na experiência dos estrangeiros, caminhos da presença reveladora e libertadora do Deus da Vida; duma pastoral “capitalista”, preocupada com os números, com a manutenção da quantidade de fiéis (capital humano), para uma pastoral “contemplativa”, voltada à contemplação da ação do Espírito em todos os seus diferentes e surpreendentes caminhos; enfim, de uma pastoral eclesiocêntrica, centrada no fortalecimento da instituição, para uma pastoral reinocêntrica, em que a prioridade está na realização da vocação transcendental de cada ser humano.

---

<sup>34</sup> Cf. LIBANIO, João Batista, *op.cit.* p. 227.

<sup>35</sup> Cf. BOFF, Leonardo. FREI BETTO. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro. Rocco, 1994, p. 11.

<sup>36</sup> Carta aos Hebreus 13,14.

<sup>37</sup> MARINUCCI, Roberto. *Op. Cit.* P.105.